

## AS TEORIAS SOBRE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA BNCC: UMA ANÁLISE DE CADA ETAPA DO COMPONENTE CURRICULAR LÍNGUA PORTUGUESA

Elizete Rodrigues de Araujo<sup>1</sup>

Carine Fernandes Coelho<sup>2</sup>

Nayhara Rissato da Silva<sup>3</sup>

Samuel Parrela Braga<sup>4</sup>

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo realizar um estudo, à luz da Sociolinguística, acerca da presença das variações linguísticas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Para tanto, foi desenvolvida uma análise documental de caráter interpretativo em cada etapa da Educação Básica, considerando o componente curricular de Língua Portuguesa. A relevância deste trabalho justifica-se pelo fato de a BNCC constituir-se como o principal documento norteador da Educação Básica no Brasil no que se refere ao currículo. Dessa forma, torna-se necessário avaliar como e em que medida as variações linguísticas são contempladas nesse documento.

**Palavras-Chave:** Variação linguística; BNCC; Língua portuguesa.

**Abstract:** This article aims to conduct a study, in the light of Sociolinguistics, on the presence of linguistic variations in the Brazilian National Common Curricular Base (BNCC). To this end, an interpretative documentary analysis was carried out for each stage of Basic Education, considering the Portuguese Language curricular component. The relevance of this work lies in the fact that the BNCC is the main guiding document of Basic Education in Brazil regarding the curriculum. Therefore, it is necessary to evaluate how and to what extent linguistic variations are addressed in this document.

**Keywords:** Linguistic variation; BNCC; Portuguese language.

### 1. INTRODUÇÃO

---

<sup>1</sup> Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Instituto de Letras e Linguística - Universidade Federal de Uberlândia, Campus Santa Mônica - Bloco 1G - Sala 256, Avenida João Naves de Ávila, 2121, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil, CEP: 38408-144. Telefone: (34) 3239-4102. E-mail: dearaujo.elizete@gmail.com.

<sup>2</sup> Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Instituto de Letras e Linguística - Universidade Federal de Uberlândia, Campus Santa Mônica - Bloco 1G - Sala 256, Avenida João Naves de Ávila, 2121, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil, CEP: 38408-144. Telefone: (34) 3239-4102. E-mail: carinef.coelho@hotmail.com.

<sup>3</sup> Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Instituto de Letras e Linguística - Universidade Federal de Uberlândia, Campus Santa Mônica - Bloco 1G - Sala 256, Avenida João Naves de Ávila, 2121, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil, CEP: 38408-144. Telefone: (34) 3239-4102. E-mail: nayhara.rissato@gmail.com.

<sup>4</sup> Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Instituto de Letras e Linguística - Universidade Federal de Uberlândia, Campus Santa Mônica - Bloco 1G - Sala 256, Avenida João Naves de Ávila, 2121, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil, CEP: 38408-144. Telefone: (34) 3239-4102. E-mail: samuelpbraga@ufu.br.

Historicamente, o ensino de Língua Portuguesa no Brasil esteve fortemente vinculado à instrução gramatical, consolidando a concepção de que “ensinar português” equivaleria, essencialmente, a “ensinar gramática”. A partir da década de 1960, com a introdução do estruturalismo linguístico no país – movimento já discutido na Europa e nos Estados Unidos – intensificaram-se as críticas ao modelo tradicional de ensino gramatical, o que provocou uma crise refletida também no ambiente escolar, especialmente no modo convencional de ensinar português.

Diante desse contexto, tornou-se necessário distinguir o ensino de gramática do ensino da Língua Portuguesa. Conforme Faraco (2008), passou a ser socialmente inadequado afirmar que se ensinava gramática ou que seu ensino era relevante, evidenciando o deslocamento da legitimidade desse saber na prática pedagógica.

Com base nessas considerações, este artigo propõe-se a analisar de que maneira as teorias sobre a variação linguística são abordadas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), considerando a perspectiva de autores como Faraco (2008, p. 33), para quem “uma língua é constituída por um conjunto de variedades”. Nesse sentido, torna-se fundamental investigar se e como essa concepção é contemplada nos documentos oficiais que orientam o ensino no país.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.2 As teorias sobre a variação linguística**

No contexto mencionado acima, surgiu a demanda de ressignificar o termo “gramática”, que havia se tornado semanticamente depreciado, o que levou à adoção da expressão “norma culta” como uma tentativa de nomear, sob nova perspectiva, antigos conhecimentos e práticas (Faraco, 2008, p. 24).

O conceito de norma foi originalmente proposto pelo linguista Eugênio Coseriu na década de 1950. Em uma leitura atualizada por Cristianini (2007), a norma é compreendida como os padrões de uso que caracterizam a maneira como os falantes utilizam o sistema linguístico para se comunicar. Faraco (2008) complementa essa ideia, caracterizando a norma como as distintas formas sociais de concretizar os esquemas relacionais do sistema linguístico. Assim, entende-se a norma como um conjunto de padrões linguísticos próprios de uma comunidade de falantes.

Já o conceito de variação está relacionado ao uso da língua na fala — dimensão individual e concreta da linguagem, portanto, passível de variações. O sistema, por sua vez, corresponde à dimensão mais abstrata e estável da língua, enquanto a norma ocupa uma posição intermediária: ela conserva a funcionalidade do sistema e, ao mesmo tempo, incorpora as inovações oriundas da fala (Cristianini, 2007).

Segundo Coseriu (1979, p. 77), a fala corresponde à realização concreta da linguagem por parte do indivíduo, ao passo que a língua, de natureza social, engloba tanto o sistema quanto a norma – sendo, portanto, a fala o elemento que abrange esses dois componentes.

A retomada dos conceitos de sistema, norma e fala mostra-se essencial para compreender a relação entre essas categorias linguísticas e o processo de democratização do ensino no Brasil, iniciado na década de 1940, durante o governo de Getúlio Vargas, e intensificado nos anos 1970, no contexto do chamado Milagre Brasileiro. Esse período foi marcado por uma expansão significativa do acesso à escola, o que provocou um confronto entre diferentes variedades linguísticas no espaço escolar, gerando um desafio significativo para o ensino da língua portuguesa.

Bagno (2007) propõe uma classificação da variação linguística em cinco categorias, definidas com base nos fatores que condicionam essas variações:

- *Variação diatópica*: refere-se às diferenças linguísticas observadas entre falantes de distintas localidades, como entre regiões geográficas amplas, estados, zonas urbanas e rurais, ou ainda áreas com delimitação social nas grandes cidades. O termo "diatópica" deriva do grego *diá* (“através de”) e *tópos* (“lugar”).
- *Variação diastrática*: diz respeito às distinções no uso da língua entre grupos pertencentes a diferentes camadas sociais. O termo é formado por *diá* e o latim *stratum*, que significa “camada” ou “estrato”.
- *Variação diamésica*: envolve as diferenças entre a linguagem falada e a escrita. Para a análise dessa modalidade de variação, o conceito de gênero textual é central. O termo “diamésica” tem origem em *diá* e no grego *mésos*, que significa “meio”, em referência ao meio de comunicação utilizado.
- *Variação diafásica*: trata-se da variação de estilo, ou seja, da forma como cada falante adapta sua linguagem conforme a situação comunicativa e o grau de controle que exerce sobre sua fala. O termo provém de *diá* e *phásis*, do grego, significando “modo de expressão” ou “forma de falar”.

- *Variação diacrônica*: refere-se às mudanças que ocorrem na língua ao longo do tempo, sendo observada por meio da comparação entre diferentes períodos históricos. O estudo dessas transformações temporais é fundamental na pesquisa linguística. O termo deriva de *diá* e do grego *khronos*, que significa “tempo”.

É importante ressaltar que este estudo se propõe a abordar todas as modalidades de variação linguística anteriormente descritas, tendo como base teórica a Sociolinguística, que orienta a análise e a condução do trabalho. Nesse contexto, torna-se necessário apresentar algumas reflexões acerca dessa área do conhecimento.

A Sociolinguística, reconhecida como uma ciência autônoma e de natureza interdisciplinar, consolidou-se por volta da metade do século XX. Conforme observa Bortoni-Ricardo (2014, p. 11), já antes da década de 1960, alguns estudiosos - especialmente os integrantes do Círculo Linguístico de Praga - levaram em consideração, em suas investigações, o contexto sociocultural e a comunidade de fala, ou seja, atentavam também às circunstâncias de produção da linguagem.

Ainda segundo Bortoni-Ricardo (2014, p. 12), esses estudiosos ligados à Linguística Estruturalista abriram caminho para o desenvolvimento de uma “nova forma de interpretar o mundo”, fundamentada em dois princípios: o *relativismo cultural*, que defende que nenhuma manifestação cultural possui valor superior a outra dentro de uma sociedade, e a *heterogeneidade linguística*, considerada como uma característica inerente e sistemática das línguas. Tais princípios foram fundamentais para o crescimento da Sociolinguística enquanto ciência, que atualmente se configura a partir de três grandes linhas de pesquisa.

A primeira é a *Sociolinguística variacionista*, cujas bases foram estabelecidas por William Labov, influenciado por Uriel Weinreich [1926–1967] e outros colegas. Essa perspectiva defende que o domínio que o falante nativo possui das estruturas linguísticas heterogêneas não deve ser entendido como mera variação de dialetos ou desempenho ocasional, mas sim como parte integrante de sua competência linguística (Bortoni-Ricardo, 2014, p. 52).

A segunda vertente é a *Sociolinguística interacional*, desenvolvida a partir dos estudos de Erving Goffman [1922–1982] e John Gumperz [1922–2013], e que se concentra na organização das interações comunicativas. Essa abordagem enfatiza a sistematicidade e a normatividade presentes nas interações face a face (Bortoni-Ricardo, 2014, p. 145).

Por fim, destaca-se a *Sociolinguística educacional*, concepção teórica formulada por Stella Maris Bortoni-Ricardo, cuja proposta de pesquisa volta-se para a análise da variação linguística no ambiente escolar. O objetivo central dessa vertente é compreender e investigar

os impactos dessa variação no processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa (Bagno, 2004, p. 7).

A retomada dos conceitos de variação linguística e Sociolinguística mostra-se fundamental para a compreensão dos pressupostos teóricos que sustentam esta pesquisa, constituindo a base para a apresentação dos procedimentos metodológicos, bem como para a análise e discussão dos resultados.

### **3 METODOLOGIA**

#### **3.1 Procedimentos metodológicos**

Metodologicamente, para a realização deste trabalho, que se propõe a investigar a abordagem da variação linguística na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), adotou-se como procedimento metodológico a pesquisa documental, com uma abordagem qualitativa e de natureza descritiva. Conforme Gil (2019), a pesquisa documental utiliza materiais que ainda não receberam um tratamento analítico, o que se aplica à análise aqui proposta sobre o documento orientador do currículo da Educação Básica no Brasil.

O *corpus* da investigação é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), especificamente, no que se refere ao componente curricular de Língua Portuguesa para todas as etapas da Educação Básica: Ensino Fundamental – Anos Iniciais, Ensino Fundamental – Anos Finais e Ensino Médio. A escolha por este documento se justifica por seu caráter normativo e sua centralidade na formulação dos currículos escolares em âmbito nacional.

A análise dos dados foi realizada a partir de um viés interpretativo, fundamentado nos preceitos teóricos-metodológicos da Sociolinguística. Este percurso analítico-interpretativo, conforme apontam Denzin e Lincoln (2006), permite ao pesquisador uma imersão nos dados para compreender os fenômenos em sua complexidade. A pesquisa qualitativa, segundo Minayo (2007), trabalha com um universo de significados, motivos e aspirações, o que se alinha ao objetivo de avaliar como e em que medida as variações da língua são contempladas no texto da BNCC.

Dessa forma, para o percurso metodológico, pautamo-nos numa análise documental interpretativa. Sob esse enfoque, o processo envolveu a leitura sistemática do documento da BNCC, a identificação e o fichamento de trechos relevantes — como competências, habilidades e orientações pedagógicas —, as quais abordam direta ou indiretamente o fenômeno da variação linguística. Para a fundamentação e a sistematização dos procedimentos adotados, foram

seguidos os princípios da metodologia científica propostos por Marconi e Lakatos (2017), visando, assim, garantir o rigor e a fidedignidade na condução da análise e na apresentação dos resultados.

## **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

### **4.1 A variação linguística nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental pela lente da BNCC: promovendo a diversidade e combatendo o preconceito**

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) representa um marco significativo na abordagem da variação linguística no Ensino Fundamental - Anos Iniciais (1º ao 5º ano). Em vez de ignorar ou marginalizar as diversas manifestações do português brasileiro, o documento estabelece diretrizes que visam reconhecer, valorizar e trabalhar pedagogicamente com a pluralidade da língua. Essa perspectiva busca ultrapassar a centralidade exclusiva da norma-padrão, objetivando formar estudantes que compreendam a língua como um fenômeno dinâmico, heterogêneo e socialmente constituído, capazes de utilizá-la de forma adequada em diferentes contextos comunicativos e de reconhecer a legitimidade das diversas variedades linguísticas, combatendo ativamente o preconceito linguístico desde a primeira infância.

Partindo do pressuposto de que as línguas não são homogêneas nem estáticas, mas se modificam de acordo com seus usuários, comunidades e grupos sociais, Cagliari (1996, p. 81) afirma que “o que os diferenciam são os valores sociais que seus membros têm na sociedade”. Nesse sentido a BNCC adota uma abordagem sociolinguística da linguagem, segundo a qual o estudo da variação linguística contribui para a formação de sujeitos críticos, reflexivos e respeitosos em relação à diversidade linguística brasileira. O documento propõe que os estudantes compreendam, desde os primeiros anos de escolarização, que a língua constitui um importante elemento de construção identitária e de expressão cultural.

A abordagem da variação linguística na BNCC no Ensino Fundamental – Anos Iniciais visa reconhecer a diversidade do português brasileiro e promover o desenvolvimento da competência comunicativa dos estudantes. Em vez de privilegiar exclusivamente a norma-padrão, o documento busca familiarizar as crianças com as diferentes formas de uso da língua em seus contextos sociais, culturais e regionais, contribuindo para a prevenção de atitudes preconceituosas relacionadas à linguagem.

A BNCC fundamenta sua abordagem na concepção de que a língua é um fenômeno histórico, social e cultural em constante transformação. Para o Ensino Fundamental – Anos

Iniciais, essa compreensão é particularmente relevante, uma vez que as crianças ingressam na escola trazendo repertórios linguísticos construídos em suas experiências familiares e comunitárias, muitas vezes marcados por variedades regionais e sociais. Nesse sentido, a escola é orientada a reconhecer essas variedades como parte do patrimônio linguístico dos estudantes, utilizando-as como ponto de partida para a ampliação de seus conhecimentos sobre a língua.

Nesse sentido, o documento incentiva a exposição dos alunos a diferentes manifestações da língua por meio de materiais autênticos – sejam eles textos orais (contos populares, cantigas, entrevistas) ou escritos (livros infantis que exploram a oralidade, cartas, bilhetes). Essa imersão possibilita que as crianças percebam, de forma lúdica e contextualizada, que as pessoas falam e escrevem de maneiras distintas e que essas diferenças são inerentes ao funcionamento da língua. O foco reside no desenvolvimento da consciência linguística, entendida como a capacidade de refletir sobre os usos da linguagem e sobre as diferentes formas de expressão presentes na sociedade.

A BNCC integra a variação linguística de forma transversal em todos os eixos do componente curricular de Língua Portuguesa para os Anos Iniciais, garantindo que o tema não seja tratado como um apêndice, mas como parte integrante do processo de ensino-aprendizagem:

- **Oralidade:** Neste eixo, a BNCC estimula que as crianças percebam as diferenças na fala de seus pares, familiares e em diferentes mídias. Atividades como rodas de conversa, contação de histórias, dramatizações e debates simples permitem que explorem diferentes entonações, sotaques e formas de se expressar. O papel do professor é crucial ao mediar essas interações, promovendo a escuta atenta e o respeito às diversas manifestações orais. A exploração de parlendas e cantigas de diferentes regiões, por exemplo, pode revelar variações lexicais e rítmicas de forma concreta.
- **Leitura/Escuta (Compartilhada e Autônoma):** Ao entrar em contato com uma vasta gama de gêneros textuais (fábulas, poemas, receitas, notícias simples etc.), as crianças são expostas a variados registros e variedades linguísticas. A Base sugere que sejam apresentados textos que reflitam a oralidade de diferentes grupos sociais ou regionais, ou textos literários que contenham diálogos com marcas de regionalismos. Essa prática auxilia na construção da compreensão de que o texto escrito também pode carregar as nuances da variação, expandindo o repertório de leitura e interpretação dos alunos.
- **Produção de Textos (Escrita Compartilhada e Autônoma):** A BNCC incentiva que os alunos produzam textos em diversas situações comunicativas, considerando o

interlocutor e o propósito da escrita. Por exemplo, ao redigir uma carta para um amigo, a linguagem pode ser mais informal e coloquial, enquanto ao escrever um convite para um evento escolar, a formalidade se faz mais presente. Essa práxis visa desenvolver a capacidade de adequar a linguagem – seja oral ou escrita – aos diferentes contextos de uso, mostrando que a escolha da variedade linguística é uma decisão consciente e funcional.

- **Análise Linguística/Semiótica (Alfabetização):** Embora o foco principal nos Anos Iniciais seja a aquisição do sistema de escrita alfabética, a BNCC já introduz a reflexão sobre a língua em uso. A abordagem da variação linguística se dá de forma mais implícita e exploratória, através da observação das diferentes formas de expressar uma ideia ou da comparação de expressões em distintos contextos. O objetivo é que as crianças, gradualmente, percebam a diversidade na organização das palavras e frases, construindo bases para uma análise mais aprofundada nos anos subsequentes.

Um dos aspectos mais relevantes da proposta da BNCC é a valorização da diversidade linguística e o enfrentamento do preconceito linguístico desde os anos iniciais da escolarização. Ao valorizar as diversas formas de falar e escrever, a escola se estabelece como um espaço de respeito e acolhimento à pluralidade linguística brasileira. Em lugar da correção indiscriminada de variedades não pertencentes à norma-padrão, propõe-se uma abordagem pautada na adequação linguística aos diferentes contextos de uso.

Essa abordagem precoce é fundamental para a formação de estudantes mais conscientes, tolerantes e aptos a interagir em uma sociedade intrinsecamente diversificada. Ao desmistificar a ideia de uma "língua superior" ou "inferior", a BNCC contribui para que as crianças desenvolvam uma visão mais democrática da linguagem, reconhecendo o valor cultural e identitário de cada forma de expressão. Em suma, a BNCC, ao integrar a variação linguística de maneira orgânica no currículo dos Anos Iniciais, não apenas promove o desenvolvimento da competência comunicativa dos estudantes, mas também desempenha um papel crucial na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

#### **4.2 O tratamento dado à variação linguística nos Anos Finais do Ensino Fundamental na BNCC: interfaces com a sociolinguística educacional, interacional e variacionista**

Com uma abordagem que integra a área de Linguagens, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) abrange os componentes de Língua Portuguesa, Arte, Educação Física e

Língua Inglesa nos Anos Finais do Ensino Fundamental. Em um cenário educacional marcado pela cibercultura (Lévy, 2009), que transforma as interações sociais, a BNCC (re)posiciona as linguagens como conhecimentos com finalidades próprias. A expectativa é que os estudantes compreendam a língua e as linguagens como construções humanas, heterogêneas e em constante transformação, das quais participam ativamente.

Nessa perspectiva, a BNCC dialoga com a **Sociolinguística Educacional**, à medida que valoriza os repertórios linguísticos dos alunos e reconhece a escola como um espaço de (re)construção de significados a partir da diversidade (Bortoni-Ricardo, 2004). Alinhada às competências gerais da Educação Básica, a área de Linguagens busca, assim, garantir que os estudantes compreendam "as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais" (Brasil, 2018, p. 65).

Adotando o texto como unidade central de ensino, compreendido como a materialização de um gênero discursivo em circulação social (Bakhtin, 1995), a BNCC alinha-se a uma perspectiva enunciativo-discursiva. O trabalho com a linguagem é, nesse sentido, articulado aos seus contextos de produção, promovendo o desenvolvimento de habilidades de uso significativo da língua em práticas de leitura, escuta e produção em diversas mídias. Essa concepção, que vê a linguagem como ação situada em práticas sociais concretas onde os sujeitos interagem e se constituem, aproxima-se da **Sociolinguística Interacional**.

A ênfase recai sobre o texto inserido em um "processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais" (Brasil, 1998, p. 20), o que demanda uma análise da linguagem em seu uso real, considerando os interlocutores, as intenções e a situação comunicativa. Reflexo direto dessa abordagem é a competência específica 5, que propõe o emprego da variedade e do estilo de linguagem adequados à situação, visando desenvolver a competência comunicativa (Hymes, 1962) para além da correção gramatical. Nessa ótica, o aluno é levado a perceber que sua identidade é construída e expressa por meio dessas interações mediadas pela linguagem (Goffman, 1959).

O ensino de Língua Portuguesa na BNCC estrutura-se em quatro eixos integradores: oralidade, leitura/escuta, produção e análise linguística/semiótica. Embora retomando diretrizes anteriores, esses eixos são fortalecidos por uma abordagem que articula o uso da linguagem a situações reais de comunicação e à pluralidade linguística.

O eixo de análise linguística/semiótica, em particular, não se limita ao estudo isolado da gramática, mas é mobilizado em práticas reflexivas para uma compreensão crítica e eficaz do funcionamento da língua em uso (Calvet, 2002). O conhecimento metalinguístico, segundo o

documento, só ganha sentido quando articulado ao uso social e a práticas contextualizadas de leitura e produção textual. Cabe, desse modo, ao componente de Língua Portuguesa promover experiências de múltiplos letramentos que preparem os estudantes para a participação em diversas práticas sociais contemporâneas, marcadas pela multisssemiose (Brasil, 2018).

Ao incorporar práticas de linguagem multimidiáticas, a BNCC reconhece a língua como um fenômeno socialmente situado, dialogando com a **Sociolinguística Variacionista**, que a entende como um sistema heterogêneo e dinâmico, influenciado por fatores sociais, históricos e regionais. Essa visão amplia o foco para além da norma-padrão, incluindo a variação e a mudança como fenômenos constitutivos da língua (Labov, 2008; Tarallo, 1994). Nesse sentido, a abordagem variacionista ganha contornos explícitos na competência específica 1, que determina que os estudantes devem "compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso" (Brasil, 2018, p. 87).

Ao mencionar a diversidade de mais de 250 línguas faladas no Brasil, a Base rompe com o mito de uma língua homogênea e abre espaço para a discussão sobre a mudança e a variação linguística:

[...] inerentes a qualquer sistema linguístico, e que podem ser observados em quaisquer níveis de análise. Em especial, as variedades linguísticas devem ser objeto de reflexão e o valor social atribuído às variedades de prestígio e às variedades estigmatizadas, que está relacionado a preconceitos sociais, deve ser tematizado. Esses conhecimentos linguísticos operam em todos os campos/esferas de atuação. (Brasil, 2018, p.81).

Sob essa concepção sociolinguística, o documento propõe que as variedades linguísticas e o valor social a elas atribuído sejam tematizados em sala de aula, combatendo preconceitos. A variação linguística torna-se, assim, um eixo estruturante das práticas pedagógicas orientadas pela BNCC. Essa perspectiva se aprofunda quando o eixo da Análise Linguística/semiótica propõe a reflexão sobre as "diferenças fonológicas, prosódicas, lexicais e sintáticas" (Brasil, 2018, p.83) entre as variedades do português, condicionadas por fatores (extra)linguísticos (Tarallo, 2007). Reconhecendo que toda língua varia, a Base defende que os estudantes conheçam essas variações e reflitam criticamente sobre seus valores simbólicos.

Entendendo que a variação se constitui como um processo inerente a qualquer língua viva, em que é sistematizada e condicionada por fatores extralinguísticos sociais, geográficos e estilísticos, como demonstrado pioneiramente por Labov (2001, 2008), a Base defende que os estudantes conheçam essas variações e reflitam criticamente sobre os valores simbólicos que lhes são atribuídos. A análise das diferentes formas de falar, com suas implicações sociais e

ideológicas, torna-se um espaço para o exercício da cidadania e para a discussão crítica sobre "variedades prestigiadas e estigmatizadas" (Brasil, 2018, p.83).

Vale destacar, a partir dessas acepções, que o documento, ao postular essa reflexão crítica sobre as variedades, convida a escola a combater ativamente o preconceito linguístico, o que se consagra na competência específica 4: “compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos” (Brasil, 2018, p.87). Essa competência estabelece um pilar ético que reconhece a necessidade de educar para o respeito à diversidade e à dignidade dos falantes.

É importante salientar, também, que a BNCC, ao associar habilidades a objetos de conhecimento e práticas de linguagem, estrutura o currículo de Língua Portuguesa para promover uma formação crítica e reflexiva. Nessa ótica, destacamos, discutimos e interpretamos, nesta seção, como recorte metodológico, as competências específicas de número 1, 4 e 5 da BNCC, as quais acreditamos relacionar diretamente com pressupostos da sociolinguística educacional, interacional e variacionista, nas quais colocam a variação linguística como eixo de reflexão e ação pedagógica.

Nesse sentido, é por meio dessas competências que os Anos Finais se tornam um espaço para o desenvolvimento do pensamento crítico com base sociolinguística. Ao interagir com diversos textos e interlocutores, o aluno vivencia o que a *primeira competência estabelece*: a língua como fenômeno vivo e heterogêneo, indissociável da identidade. Essa compreensão da língua como elemento constitutivo do sujeito desenvolve a autonomia e exige o desenvolvimento da *quinta competência*, a da adequação: na qual o aluno aprende a fazer escolhas linguísticas estratégicas e intencionais. Esse processo, por fim, culmina na *quarta competência* — o pilar ético que fundamenta a capacidade de desconstruir discursos preconceituosos.

À vista dessas discussões, podemos concluir que o currículo, orientado pela BNCC, deve ir além da simples apresentação da variação, fomentando, de certo modo, ativamente, o questionamento de hierarquias linguísticas para a construção de relações mais respeitadas e o exercício de uma cidadania plena e linguisticamente consciente.

#### **4.3. Variações linguísticas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC): uma análise documental interpretativa para o Ensino Médio**

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um marco na educação brasileira, servindo como diretriz para a formação de currículos na Educação Básica. Para o Ensino Médio,

especialmente no componente curricular de Língua Portuguesa, a BNCC oferece uma oportunidade crucial para abordar a complexidade e a riqueza das variações linguísticas presentes na língua. À vista disso, nesta seção, buscamos realizar uma análise documental interpretativa, examinando como as variações linguísticas são incorporadas na BNCC e em que medida essa abordagem é promovida na última etapa da Educação Básica.

Para compreender a profundidade dessa proposta, é fundamental reconhecer a variação linguística como um fenômeno natural que ocorre em todas as línguas, podendo ser categorizada em diferentes tipos, como variações diatópicas (regionais), diastráticas (sociais) e diafásicas (contextuais). A sociolinguística, como disciplina, estuda essas variações e suas implicações sociais. Segundo Labov (1972), “a variação é uma característica central da língua e reflete as condições sociais e geográficas das comunidades de falantes”. A inclusão da variação linguística no ensino de Língua Portuguesa é, portanto, fundamental para a formação de estudantes críticos, capazes de reconhecer e respeitar a diversidade cultural e linguística do Brasil.

Atenta a essa relevância, a BNCC, ao delinear as competências e habilidades esperadas para o ensino de Língua Portuguesa no Ensino Médio, contempla as variações linguísticas de forma explícita e implícita, enfatizando a importância do reconhecimento e da valorização das diferentes formas de comunicação. Entre as competências definidas, destacam-se:

**5.1 Competência de Análise Crítica:** Os alunos são incentivados a desenvolver uma postura crítica em relação às variações linguísticas, o que inclui a discussão sobre preconceitos linguísticos. Como Bortoni-Ricardo (2004) afirma, “o reconhecimento das diferentes variantes da língua é fundamental para desconstruir estigmas e preconceitos que cercam o uso das variedades não padrão”.

**5.2 Práticas de Leitura e Escrita:** A BNCC sugere que os estudantes pratiquem a leitura e a produção de textos em diversos gêneros, considerando as variações linguísticas que permeiam cada um deles. Moita Lopes (2006) ressalta que “a diversidade de gêneros textuais permite que os alunos entrem em contato com diferentes formas de expressão, ampliando seu repertório linguístico”.

**5.3 Reflexão sobre Identidade e Cultura:** O documento propõe que os alunos reflitam sobre sua própria identidade linguística e cultural, promovendo um entendimento mais profundo da relação entre língua e sociedade. Segundo Silva e Sanches (2019), “é essencial que os estudantes

reconheçam a influência de suas identidades sociais na forma como se apropriam da língua, desenvolvendo uma consciência crítica sobre seu uso”.

A análise da BNCC para o Ensino Médio revela que essa abordagem se materializa em orientações práticas. Nas seções sobre a prática de leitura, por exemplo, o documento destaca a importância de que os alunos leiam textos que representem a diversidade linguística do Brasil, como obras de autores de diferentes regiões e contextos sociais. Essa escolha curricular é fundamental para que os estudantes possam ter um contato direto com a pluralidade da língua. Além disso, as diretrizes sugerem que os educadores promovam atividades que estimulem discussões sobre as variedades linguísticas, permitindo que os alunos compartilhem suas experiências e compreendam a legitimidade de diferentes formas de expressão, o que contribui para a construção de um ambiente de aprendizado inclusivo.

Fica evidente, diante do exposto, que as variações linguísticas são reconhecidas como um elemento essencial na formação dos estudantes de Língua Portuguesa no Ensino Médio. A abordagem proposta pela BNCC não apenas enriquece a experiência educacional, mas também promove uma compreensão mais ampla da língua como um fenômeno social. Sendo assim, é imprescindível que educadores se apropriem dessas diretrizes para desenvolver práticas pedagógicas que valorizem a diversidade linguística e promovam uma educação inclusiva e equitativa.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), ao incorporar a variação linguística como um dos elementos centrais do ensino de Língua Portuguesa, propõe uma abordagem que reconhece a heterogeneidade da língua e sua relação com os contextos históricos, sociais, culturais e situacionais de uso. Nessa perspectiva, a variação linguística deixa de ser compreendida como um desvio em relação à norma-padrão e passa a ser entendida como uma característica inerente às línguas naturais.

Essa concepção contribui para o desenvolvimento da competência comunicativa dos estudantes, ao possibilitar a compreensão dos diferentes usos da língua em distintas situações de interação. Ao reconhecerem que as escolhas linguísticas estão relacionadas aos contextos de produção e circulação dos discursos, os alunos ampliam sua capacidade de adequar a linguagem às diversas práticas sociais das quais participam.

Além disso, a abordagem da variação linguística presente na BNCC favorece a valorização da diversidade linguística e cultural. Ao problematizar preconceitos linguísticos e reconhecer a legitimidade das diferentes variedades do português brasileiro, o documento contribui para a construção de práticas pedagógicas pautadas no respeito às diferenças e na promoção da inclusão.

Em síntese, a BNCC concebe a variação linguística como um componente fundamental para o ensino de Língua Portuguesa, vinculando o desenvolvimento das competências linguísticas dos estudantes à formação de sujeitos capazes de compreender a língua como um fenômeno social, histórico e dinâmico. Dessa forma, o documento reforça a importância de uma educação linguística comprometida com a diversidade, a reflexão crítica sobre os usos da linguagem e a participação dos estudantes em diferentes práticas sociais de linguagem.

## REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 31. ed. São Paulo: Loyola, 2004.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BAGNO, Marcos. Por uma Sociolinguística militante. Prefácio. In: BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004. p. 7-12.
- BAKHTIN, Mikhail. (VOLOCHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 9. ed. São Paulo: HUCITEC, 1995.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Variação e mudança linguística**: teoria e prática. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1998. 174 p. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2025.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Scipione, 1996.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

COSERIU, Eugenio. **Teoria da linguagem e linguística geral**: cinco estudos. Trad. Carlos Alberto da Fonseca e Mario Ferreira. São Paulo: Presença, 1979.

CRISTIANINI, Adriana C. **Atlas Semântico-Lexical da Região do Grande ABC**. São Paulo, 2007. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

FARACO, Carlos. Alberto. **Norma culta brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

GOFFMAN, Erving. **The presentation of self in everyday life**. New York: Anchor Books, 1959.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, [1972] 2008.

LABOV, William. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, William. **Principles of linguistic change**: social factors. Oxford: Blackwell, 2001.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Oralidade e ensino de língua: uma questão pouco “falada”. In: DIONISIO, Angela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs). **O livro didático de português**: múltiplos olhares. Campina Grande: EDUEFCG, 2020, p. 25-46.

SILVA, Ana. Márcia; SANCHES, Juliana A. Ensino de língua portuguesa e variação linguística: uma proposta de reflexão. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 19, n. 2, p. 295-316, 2019.

TARALLO, Fernando. **Pesquisa sociolinguística**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.